

Boletim Semanal* – 14/2020 – 07 de agosto de 2020

FEIJÃO

**Eng. Agrônomo Carlos A. Salvador*

Mercado Mundial do Feijão

A partir dos dados levantados pela FAO, a produção mundial de feijão é dividida em feijão seco e feijão cupi.

A produção média mundial do feijão seco, no período 2016 a 2018, foi de aproximadamente 30 milhões de toneladas. Os 7 (sete) principais países produtores de feijões secos, que juntos respondem em média por 64% da produção, foram: Índia (20%), Myanmar (18%), Brasil (10%), EUA (5%), México, Tanzânia e China (4% cada um).

O continente asiático, representado por Índia, Myanmar e China, responde por 42% do feijão total mundial. O Brasil é o terceiro maior produtor com 10% em média do total mundial, e engloba na produção os feijões tipo preto, cores e caupi.

A produção mundial média de feijão caupi, no período de 2016 a 2018, foi de aproximadamente 7 milhões de toneladas, colocando a África Ocidental como maior área mundial produtora deste tipo de feijão. O principal país produtor é a Nigéria, que responde por 39% do volume médio mundial, em seguida Níger 30%. As duas nações respondem por 69% do total mundial do feijão caupi seco.

As exportações médias mundiais da leguminosa, no período 2016 a 2018, foi em média de 4 milhões de toneladas. O principal país exportador no período foi Myanmar (22%); segundo, a China (11%); terceiro, os Estados Unidos (11%); e quarto, Argentina (9%). As quatro nações respondem por 53% do produto total exportado.

As importações mundiais do grão foram, em média, de 4 milhões de toneladas no período de 2016 a 2018. Os quatro principais países importadores foram: Índia (17%), Quênia (6%), Brasil (5%) e EUA (4%). Os cinco países importadores responderam por 32% do total importado.

FRUTICULTURA

**Eng. Agrônomo Paulo Andrade*

Em 2019, foram transacionadas 567,4 mil toneladas de frutas nas cinco unidades das Centrais de Abastecimento do Estado do Paraná - CEASA's/PR, girando valores de R\$ 1,5 bilhão. Com sessenta espécies frutícolas comercializadas e participação de 98,4% de produtos nacionais neste volume, o preço médio foi de R\$ 2,61/kg.

Quando o foco se encerra no primeiro semestre do ano em tela, o volume negociado atingiu 282,0 mil toneladas, movimentando R\$ 725,8 milhões, firmando o preço médio nominal do quilograma em R\$ 2,57.

Já no mesmo período de 2020, passaram pelas praças de comercialização oficiais, 283,0 mil toneladas de frutas, cujo montante de R\$ 706,4 milhões, determinou um preço médio de R\$ 2,50/kg.

Comparando-se os números entre os dois períodos, observa-se que, em quantidades, foram praticamente a mesma, com variação de 0,4% superior à de 2019, em valores, e o preço médio, por outro lado, apresentou uma redução de 2,7%.

Tendo em vista a dimensão e as restrições impostas pelo momento de pandemia, estes números traduzem a responsabilidade do poder público em manter o fluxo de abastecimento dos

Boletim Semanal* – 14/2020 – 07 de agosto de 2020

produtos dos pomares nas mesas da população, garantindo a necessária segurança alimentar.

MANDIOCA

**Economista Methodio Groxko*

A questão climática volta a preocupar a maioria das regiões do nosso Estado. Durante o mês de agosto, normalmente chove menos, segundo os meteorologistas. Porém este ano a estiagem já vem se estendendo há vários meses e as chuvas são cada vez mais irregulares.

Neste início de mês os trabalhos de preparo de solo e o plantio de mandioca foram interrompidos temporariamente, em especial nos municípios do Noroeste, onde esta prática se inicia a partir de junho ou julho. No restante do Estado, o plantio se inicia no mês de setembro e se estende até meados de dezembro.

Os Núcleos Regionais de Paranavaí, Maringá, Campo Mourão, Umuarama e Toledo representam cerca de 80% da área ocupada com a mandioca no Paraná. Nestes Núcleos se concentra também o polo industrial das fecularias e das farinhas. A Região de Paranavaí detém o maior número destas indústrias.

Os efeitos da pandemia continuam afetando a comercialização da mandioca e seus derivados como a fécula e a farinha. Com a demanda retraída, principalmente pela fécula, os preços, que estavam em pequena reação, voltaram à estabilidade nos últimos 15 dias. Na última semana o produtor recebeu, em média, R\$ 345,00 por tonelada de mandioca posta na indústria. Portanto, este preço representa o mesmo valor se comparado ao período anterior.

Economista Marcelo Garrido
Coordenador da Divisão de Conjuntura Agropecuária do DERAL
Contato: (41) 3313- 4035

MILHO

**Administrador Edmar W. Gervásio*

As condições climáticas favoráveis dos últimos dias contribuíram para o avanço significativo na colheita da segunda safra de milho no estado do Paraná. No início da semana tínhamos mais de 850 mil hectares colhidos ou 37% da área total estimada.

A previsão do Simepar indica que ainda há chance de termos mais alguns dias de tempo bom, quente e com sol, e isso deve favorecer a colheita do cereal, pois a maioria das lavouras já está apta à colheita. A estimativa de produção permanece em 11,5 milhões de toneladas, uma redução de 1,5 milhão comparado à estimativa inicial da safra.

O cenário mercadológico também é interessante para o produtor. A saca de 60 kg de milho se aproxima de R\$ 45,00 no SIMA (Intenção de compra no atacado), preço recorde do cereal. Neste sentido, observou-se que a comercialização também aumentou, chegando no mês passado a superar 40% da produção esperada.

SOJA

**Economista Marcelo Garrido Moreira*

Na próxima Pesquisa Subjetiva de Safra do Departamento de Economia Rural, que será divulgada no final de agosto, serão apresentados os primeiros números referentes à próxima safra de soja (2020/21). A tendência, segundo os técnicos de campo do Deral, é que se tenha um acréscimo de área no estado, como reflexo dos bons resultados da safra que se encerrou.

Segundo analistas que acompanham o mercado internacional, o Brasil segue como maior

**Reprodução autorizada desde que citada a fonte*

Boletim Semanal* – 14/2020 – 07 de agosto de 2020

fornecedor de soja para o mercado chinês. A demanda alta e a oferta escassa (nesta época no Brasil) têm impulsionado as cotações internas da oleaginosa, mesmo com as cotações em Chicago sendo pressionadas pelas notícias de que as lavouras americanas estão em boas condições, o que pode refletir em uma safra americana volumosa.

Em relação às cotações, no dia de ontem (06/0820), a saca de soja de 60 kg foi comercializada no SIMA – (Sistema de Informação do Mercado Agrícola - que é a cotação de compra pelos atacadistas paranaenses) por R\$ 104,30 em média. Há um ano, a saca era comercializada por R\$ 70,01, acréscimo de 49% no período.

TRIGO

**Eng. Agrônomo Carlos Hugo W. Godinho*

Com destaque para as condições atuais das lavouras paranaenses e as perspectivas para safra 2020, dada a conclusão do plantio, foi publicado nesta semana um boletim exclusivo do trigo. Para acessar:

<http://www.agricultura.pr.gov.br/Pagina/Trigo-158>

OLERICULTURA

**Eng. Agrônomo Carlos A. Salvador*

Batata

Com 96% da área colhida, a 2ª safra (seca) paranaense se encaminha para o seu final.

Segundo avaliação do Cepea/Esalq/USP em 04 de agosto/20, “o aumento da oferta nacional da batata, aliado à demanda reduzida pela quarentena, foram os fatores responsáveis pelas

desvalorizações, cenário já previsto por agentes do setor. Os preços só não foram menores, inclusive, devido à quebra de safra no Sul e, também, pelo intervalo na colheita por parte de alguns produtores do Sudoeste Paulista e de Cristalina (GO).

Para a maioria dos bataticultores que colheram em julho, a rentabilidade ainda foi positiva, mesmo com a desvalorização. Produtores do Sul, por outro lado, que tiveram quebras de produtividade mais acentuadas, fecharam o mês com prejuízos

A expectativa do setor é de que as primeiras áreas a serem colhidas seja a partir de setembro deste ano. De uma forma geral, a produção se distribui em todas as regiões do Estado.

LEITE

**Méd. Veterinário Fábio Mezzadri*

Setor lácteo, incertezas na pandemia

Assim como outros setores do comércio e do agronegócio, a cadeia leiteira tem vivido uma época cheia de incertezas e diversas reviravoltas. Já observamos, neste período, os preços pagos aos produtores e os preços no mercado varejista ora subindo e em outros momentos caindo. Por outro lado, empresas ora operando com estoques lotados e ora com dificuldades em encontrar matéria-prima.

No que diz respeito ao comércio, a situação de instabilidade não é diferente, muitas redes de restaurantes e lanchonetes “fast-food” ainda permanecem fechadas, fato que tem atrapalhado bastante o setor.

Boletim Semanal* – 14/2020 – 07 de agosto de 2020

Cotações no Mercado Paranaense

Apesar do cenário instável já descrito, o preço pago aos produtores reagiu em julho em relação aos outros meses de 2020, fechando em R\$ 1,60. Comparando-se ao mês de janeiro (quando observamos a menor cotação do ano/R\$ 1,35) a alta foi de 18%. Em comparação a julho do ano passado, quando o valor recebido pelos produtores era de R\$ 1,37, a alta foi de 17%.

Preços no Mercado Varejista

As cotações no varejo também apresentaram alta em julho do corrente ano (2020), em relação a julho de 2019. Nesta comparação, alguns produtos apresentaram altas mais significativas, como: o leite longa vida (kg), o queijo mussarela (kg), o queijo prato (kg) e o leite pasteurizado (l) com os percentuais de acréscimo em 24%, 17%, 13% e 9,3% respectivamente, no período citado.

Outros produtos, no mesmo período de análise (julho/19 e julho/20), também apresentaram alta, porém menos representativas, como é o caso do leite em pó 400g (2,3%), queijo minas frescal kg (0,3%) e queijo parmesão kg (5%). Entre os derivados lácteos de maior consumo, apenas a manteiga extra 200g apresentou baixa de 1,8% no período estudado.

Razões para os Acréscimos

Alguns fatores atípicos que aconteceram em 2020 têm contribuído para o atual cenário de alta dos preços. Entre eles:

- A estiagem que atrasou o desenvolvimento das pastagens de inverno, diminuindo a oferta do leite no mercado;

- Valorização do produto no mercado “spot” (entre as indústrias);

- Consumo aquecido no mercado varejista em determinados momentos durante a pandemia e quarentena;

- Acréscimo nos custos de produção, gerada em grande parte pelo aumento nos gastos com alimentação dos rebanhos (alta da soja);

- Acréscimo nas exportações de lácteos (que embora ainda sejam muito menores que as importações, tiveram um incremento em 2020 comparando-se ao ano anterior);

Exportações de Lácteos Brasileiras

As exportações brasileiras de lácteos em 2020 cresceram em relação a 2019. Na comparação do primeiro semestre destes anos, a alta foi de 18% na receita obtida e 17% no volume comercializado.

Este acréscimo se deve em boa parte ao incremento das compras chinesas dos nossos produtos. Somente para a China, o Brasil, em 2020, em relação ao ano anterior, cresceu suas compras 11% em valores e 27% em volume.

OVOS

** Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade*

Preços dos ovos recuam em julho

Desde abril, quando a caixa de 30 dúzias de ovos tipo grande ao produtor atingiu R\$ 105,10, julho representou a terceira queda consecutiva

**Reprodução autorizada desde que citada a fonte*

Boletim Semanal* – 14/2020 – 07 de agosto de 2020

(maio: R\$ 96,13, junho: R\$ 95,39 e julho: R\$ 87,92). Tal realidade justifica-se no contexto da pandemia mundial do novo coronavírus/covid-19, que tem afetado drasticamente os negócios e a economia como um todo.

O desemprego aumenta e o poder aquisitivo das pessoas, reduz. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou no dia 6/8, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), informando que o número de pessoas ocupadas caiu 9,6% no trimestre encerrado em junho, na comparação com o trimestre anterior. Esse valor representa 8,9 milhões de pessoas que perderam o emprego, elevando a taxa de desemprego para 13,3%.

Como é visto, a pandemia de covid-19 tem impactado o poder de compra da população e por consequência reduz progressivamente a demanda por ovos nas principais regiões consumidoras, pressionando as cotações para baixo.

Se não bastasse tal realidade de preços recuando, também ocorre o estreitamento das margens do setor, devido aos elevados patamares dos preços dos dois principais insumos utilizados na produção de ovos, o milho e o farelo de soja.

Concretamente, os menores preços e as menores vendas de ovos decorrem da persistente “coronacrise” acirrada com a proibição de eventos coletivos, cancelamento das festas, concorrência com “ovos caipiras” e “férteis”, escolas fechadas (sem merenda escolar), redes de “foodservice” em funcionamento parcial ou fechados.

Segundo a Seab/Deral, mesmo com as desvalorizações dos preços de maio a julho, estes ainda são superiores nos três níveis de

comercialização, aos registrados no mesmo período de 2019.

No Paraná, segundo informações da Seab/Deral, de janeiro a julho de 2020, o preço médio do ovo tipo grande ao produtor ainda ficou maior em 10,1%.

Mas, de junho (R\$ 95,39/caixa 30 dúzias) para julho (R\$ 87,92), houve recuo de 7,8%. E, considerando julho de 2019, o preço médio de julho 2020 ainda se mostrou maior em 15,9%.

No atacado de janeiro a julho de 2020, também os preços ficaram maiores em 11,3% (julho/2020: R\$ 91,65 e janeiro/2020: R\$ 82,32), mas em relação a junho do ano corrente o preço caiu 9,0%, já que em junho foi de R\$ 100,76/ caixa de 30 dúzias. No entanto, em relação a um ano atrás, o preço marcou-se maior em 12,0%.

No varejo, os preços médios ficaram maiores em 10,9% (julho/2020: R\$ 5,57/dúzia e janeiro/2020: R\$ 5,02), mas subiram 1,5% em relação a junho /2020, cujo valor foi de R\$ 5,49/dúzia. Já em comparação a igual mês de 2019, os preços praticados em julho foram 21,1% maiores.

Insumos em elevação preocupa avicultores

No Paraná, segundo dados da Seab/Deral, o preço do milho no atacado de janeiro a julho de 2020 em relação a julho de 2019, está maior em 32,8%, ao passo que o farelo de soja está maior em 40,2%.

Em julho, o preço médio recebido pela caixa de ovos brancos tipo grande no Paraná, sofreu perda mensal de 7,8%, mas obteve índice positivo de 10,1% no acumulado do ano.

Boletim Semanal* – 14/2020 – 07 de agosto de 2020

A saca de milho (60 kg) no atacado, por sua vez, obteve alta de 5,4% em relação a junho, e expressivos 32,8% em relação a julho do ano passado.

Os preços mais altos de tais insumos, fundamentais e essenciais tanto na avicultura de corte como de postura pressionam sobremaneira seus custos de produção, preocupando o setor produtivo de ovos e carnes.

A relação de troca milho e farelo de soja serve para aquilatar o poder de compra dos produtores de ovos para consumo, frente a tais insumos: para o milho, em julho de 2020 esteve em 8,9 (caixas de ovos por tonelada de milho) e em julho do ano passado, 7,7. Já em relação ao farelo de soja, tal relação fixou-se em: 20,8 (julho/2020) e 16,7 (julho/2019).

Assim, conclui-se que: tanto para o milho como para farelo de soja, a relação de troca esteve mais favorável ao avicultor em julho de 2019 (quando para comprar-se uma tonelada de milho ou farelo de soja, utilizou-se de menos caixas de 30 dúzias de ovos).

Fiquem ligados no DERAL:

www.agricultura.pr.gov.br

www.facebook.com/deralseab_pr

[https://instagram.com/deralseabpr](https://www.instagram.com/deralseabpr)

https://twitter.com/do_deral